

Dívida externa, ir além das soluções técnicas

28 ABR 1989

Nelson Gomes
Teixeira (*)

O problema da dívida externa dos países do Terceiro Mundo, ou mais especificamente das nações pobres, tem merecido quase que diariamente a primeira página dos jornais e os comentários especializados no rádio e na televisão. Da mesma forma, o tema tem sido objeto de preocupação e, por conseguinte, de análises em centros de estudos superiores, entidades empresariais, sindicatos de trabalhadores e variados organismos representativos da sociedade civil.

A preocupação tem fundamento. Afinal, chegamos à última década do século XX, séc. este em que o homem já foi à Lua e em que se registraram os mais avançados progressos científicos e tecnológicos da história da humanidade, e todos nós vivemos num



quadro caótico e difícil de compreender. Neste final de século de tantas realizações materiais e de evolução do pensamento humano, deparamo-nos com o quadro das nações mais pobres do planeta, onde grassem a miséria, a fome, o analfabetismo e tantas outras formas de injustiças sociais, em conflito com o bem-estar dos países ricos e seus avanços nos mais variados campos.

Em recente artigo publicado na revista USEM, diz o empresário mexicano Juan Sanchez Navarro: "A América Latina recebeu, nestes últimos trinta anos, não US\$ 12 bilhões (como a Europa, no Plano Marshall), mas US\$ 382 bilhões. E o que se produziu na América Latina? Houve um renascimento neste continente? Reergueu-se?

Conheceu um fenômeno semelhante ao que se realizou na Europa? Não. Por quê? Eis a essência do problema". E, mais adiante, afirma: "A América Latina, em vez de sair da crise graças aos empréstimos que recebeu do exterior, foi afundando-se cada vez

mais nela". E volta a perguntar: "Por quê?" Ousaria avançar alguns elementos de uma resposta, ou pelo menos certas pistas de questionamento que nos poderão ajudar. Por um lado, o aporte desse montante gigantesco de recursos, sem a existência de infra-estruturas adequadas nos campos político, empresarial, social, educacional ou cultural, em vez de ajudar esses países a vencer seus problemas, parece ter contribuído para torná-los ainda mais agudos. Mas, por outro lado, a crise em que nos encontramos neste continente não seria porventura também devida ao excesso de confiança nas soluções de natureza técnica, em detrimento de certos valores humanos de natureza ética e moral, como por exemplo a justiça, a verdade, a solidariedade, a paz?

A busca de soluções para a dívida externa dos países pobres já se esgotou no seu aspecto técnico. Percebe-se claramente que sem a inclusão, nas discussões, dos valores que acabo de citar, iremos afundando-

nos cada vez mais, e, ao contrário do que se espera e deseja, em vez do estancamento do processo da dívida, estaremos caminhando cada vez mais para a exacerbção de conflitos, do tipo moratória, retaliações, etc. Porque, vista sob os ângulos financeiros e bancários tradicionais, a dívida é impagável. No final do ano passado, em importante reunião realizada em Roma, três ganhadores de Prêmio Nobel de Economia, os professores Arrow, Klein e Leontief, com mais vinte economistas do mundo inteiro, foram unâmines em concluir que a questão da dívida externa não será resolvida com a aplicação de técnicas financeiras ou pelos postulados dos maus bancários.

A dívida externa deixou os gabinetes dos banqueiros e dos governantes. Incide, de forma mais ou menos dramática, na vida cotidiana do cidadão comum de todos os países, credores ou devedores. Incide na vida e no desenvolvimento das empresas do mundo inteiro. Traz inseguranças, que inviabilizam o planeja-

mento indispensável à sobrevivência empresarial.

No momento em que as reflexões sobre essas novas abordagens do problema da dívida internacional já atingem todos os ambientes dos países desenvolvidos/credores, parece que está na hora de a sociedade brasileira também ser despertada para essas realidades. Como o maior devedor do Terceiro Mundo, o Brasil não pode e não deve ficar à margem dos debates que estão surgindo. E acredito que os empresários sentem que têm uma responsabilidade especial nesse processo. Chega-se a um momento crucial da nossa história e não podemos ficar passivamente a contemplar as soluções que outros vão propondo: são elas que determinam o ambiente em que as gerações futuras vão viver, em que as empresas do terceiro milênio vão existir.

(*) Economista, professor da USP, ex-secretário da Fazenda de São Paulo e presidente da Fundação Instituto de Desenvolvimento Empresarial e Social (FIDES).